

*Tudo se ilumina
para aquele que
busca a luz.*

BEN-ROSH

הַלָּפִיד

*... alumia-vos, e
aponta-vos o ca-
minho*

BEN-ROSH

(HA-LAPID)

O FACHO

DIRECTOR E EDITOR — A. C. DE BARROS BASTO (BEN-ROSH)
Avenida da Boavista, 854—Porto
—(Toda a correspondência deve ser dirigida ao director)—

COMPOSTO E IMPRESSO NA Empresa DIÁRIO DO PORTO, L.da.
Rua de S. Bento da Victoria, 70—
PORTO

Das cinzas da Inquisição

As fogueiras da Inquisição brilharam e devoraram os corpos de centenas e centenas de pessoas, sendo, finalmente, lançadas ao vento as cinzas resultantes. E ele levou-as. Para onde? Nem sei; para tôda a parte, dentro e fora das terras portuguesas. Aí têm permanecido, enquanto os anos decorrem cobrindo tudo com o manto do esquecimento, manto cruel e terrível que envolve até brilhantes civilizações.

Rasgar êsse manto, reunir essas cinzas, amolecê-las, tal qual fazem os pedreiros com o barro, procurar dar-lhes uma forma humana e, por último insuflar-lhes uma alma, uma alma igual à dos corpos de que provêm, eis a tarefa mais delicada e mais sublime que imaginar se pode.

Parece serem apenas sonhos, sonhos que, precisamente por serem sonhos, são impossíveis de realizar; mas não. O impossível quasi se pode dizer que não existe; existem apenas coisas mais ou menos difíceis. Esta tarefa de transformar em almas as cinzas da Inquisição é não só difícil, mas sim difficilima.

Está, porém, começada. Está provada a possibilidade de realização completa dêste sonho ou desta loucura, como há quem diga, porque já há algumas almas assim forjadas. Poucas? Muitas? Não importa. Há algumas e isso representa muito; prova a existência de uma grande fé, uma grande persistência e um ideal muito elevado. Obras destas não se realizam em simples dias ou meses mas sim em anos e anos, tendo ainda de atender a que, numericamente, há mais quem procure destruir do que construir.

Há uma Associação intitulada OMIR (*Ordem da Mensagem Israelita do Resgate*) com séde no Pôrto que tem por único fim fazer renascer o judaísmo, queimado em nome de um judeu (Jesus de Nazareth).

Israelitas, novos e velhos, que tendes a felicidade de não ignorar a religião dos vossos pais, associai-vos nela, e contribuí com o vosso esforço, que pode ser sempre valioso, para iluminar aquêles que jazem nas trevas e que são israelitas como vós e tereis

prestado um serviço que Deus não deixará de recompensar.

Cada alma por vós resgatada pesará na balança do juízo final, mais do que as vossas preces de muitos dias, meses e anos. Será esta a melhor maneira de cumprir o sagrado dever de «amar o próximo como a vós mesmo».

Norberto A. Morêno

A Polónia condecora o Sr. Bispo do Pôrto

No dia 11 de Julho próximo passado o Sr. Thadeu de Ronner Ministro da Polónia em Portugal, acompanhado por sua esposa e por madame Beata Oherzynska, gentil escritora polaca, pelo consul daquêle país no Pôrto, o distinto engenheiro Sr. Ferreira de Lima e espôsa, e por vários elementos da colónia Polaca no Pôrto, dirigiu-se ao paço episcopal do Pôrto (Palácio de Monfalim) a fim de condecorar sua Ex.a reverendíssima, o Sr. Bispo do Pôrto com a mercê honorífica, com que o Governo Polaco o agraciara. A cerimonia teve um caracter íntimo, porém de alto significado.

Às 10 e 30 Sua Ex.a Reverendíssima entra na sala de recepção do Paço, sendo saudado respeitosamente pelos assistentes. O Sr. Bispo, dotado da lhanêsa de português, cumprimenta individualmente os visitantes e beija paternalmente as crianças. Então o Sr. Ministro da Polónia falando em francês expressou a sua admiração pelo nosso país e congratulou-se por ter a honra de condecorar, em nome do seu governo, o ilustre prelado. Terminando o seu discurso o Sr. Ministro toma de cima duma almofada, onde estava representado o escudo nacional polaco (almofada esta, que era segura por três crianças judias polacas) a insignia e solenemente a coloca ao peito do bondoso chefe da igreja católica no Pôrto, no meio da satisfação manifesta de todos os assistentes.

Sua Ex.a Reverendíssima agradece em francês a honrosa distinção do governo da República Polaca e em seguida, expressando-se em português, fala da brilhente

história da Polónia, evocando os heróis, que lutaram pela independência, e felicita o país, cuja população se compõe de diversas raças e diversas crenças trabalhando todos em prol da pátria comum, louvando essa acção de harmonico bem viver, sem distinção de raça e religião, porque acima de tudo existe a humanidade.

Foi um brilhante discurso o que nada é de admirar visto o Sr. Dr. Castro Meireles, Bispo do Pôrto, ser um homem de uma grande cultura, um antigo professor competentissimo e um notável orador, o qual, como chefe espiritual dos católicos do Pôrto, tem duma maneira inexcidível sabido manter a ordem, a disciplina e a acção dos que dirige duma maneira cortez, lhana, diplomática e enérgica.

Sua Ex.a termina o seu discurso agradecendo a todos os presentes a homenagem que lhe era feita, beija paternalmente as crianças, e acompanha até à porta do Paço os visitantes.

A colónia polaca que tomou parte nesta homenagem (cêrca de 40 pessoas) eram todos judeus praticantes. Associou-se também a esta festa o Sr. Menasseh Ben-Dob, digno secretário da Sacra Congregação Fonte Vital (Kahal Kadosh Mekor H'aim) (Comunidade israelita do Pôrto), e honrado negociante da Praça do Pôrto, com a sua família, tendo sido a sua gentil filhinha Tsebia uma das crianças, que seguraram a almofada portadora da insignia honorífica.

Belo exemplo de tolerância que fanáticos estúpidos não poderão compreender.

Terra de Israel

—No dia 23 de Setembro faleceu em Jerusalem, Meir Dizengof, administrador e fundador da 1.ª cidade judaica da Palestina. Foi devido á sua energia e tenacidade que num areal próximo de Jafa surgiu uma cidade. Jardim Tel Aviv (Colina da Primavera), que conta já cêrca de 150.000 habitantes.

O seu funeral foi imponentissimo, e a sua morte muito sentida no mundo judaico.

O Sr. Dizengof tinha 75 anos de idade.

A ciência perante a ideia de Deus

por Norberto A. Moreno

Já fizemos referência nas páginas deste jornal ao papel dos sábios perante a existência de Deus, base comum de todas as religiões.

Um opúsculo editado pela Biblioteca Popular Intitulado «Sábios e Crenças» que, casualmente, nos veio às mãos trouxe-nos a lembrança de aqui arquivar mais algumas palavras a tal respeito.

Para isso foi-nos de muita utilidade o referido opúsculo, bem como o livro «A Ideia de Deus segundo a razão e a ciência» de Alberto Farges.

Este escritor ocupa aproximadamente 600 páginas para dar uma lista de intelectuais de todos os tempos, não dedicando a cada um mais que três ou quatro linhas. E, contudo, seria uma loucura pretender que a lista fosse completa, tão numerosos foram os crentes na existência de Deus.

Posto isto, vamos invocar, usando de preferência palavras dos próprios, essa pleiade ilustre que, pelas suas grandes descobertas, maravilhou o mundo.

SÁBIOS DOS SÉCULOS XVI e XVII

—*Copérnico* (1473-1543)—Imortalizou-se pela reforma científica que fez, guiado pela ideia da sabedoria do Criador que o levou a suspeitar da falsidade do sistema astronómico de Ptolomeu. Dizia: «A sabedoria de Deus é tão grande que as complicações extraordinárias do nosso sistema astronómico demonstram a sua falsidade. (Copérnico, *De revolutionibus orbium coelestium*, pref.).»

—*Galileu* (1564-1642)—Na base dos seus trabalhos está a ideia religiosa, convencido sempre de que, à medida que a astronomia progredisse, aumentaria em nossas almas o sentimento de adoração ao Criador dos mundos (Vid. Jos. Bertrand, *Les fondateurs de l'astronomie moderne*, Galilée et ses travaux;—Max Parchappe, *Galilée*).

—*Bacon* (1560-1626)—Dizia: «Uma pequena dose de filosofia natural inclina os homens para o ateísmo; mas uma filosofia mais profunda reconduz-os à religião. Com efeito a inteligência humana, enquanto encara as causas segundas no seu isolamento, pode parar aí e não ir avante; mas quando se eleva à contemplação do estreito *liame* que as reúne e enlaça, tem necessidade de recorrer à ideia da Providência divina.» (Bacon, *sermões fideles* XVI).

—*Descartes* (1596-1650) Faz da crença na verdade divina a base necessária da certeza filosófica, e estabelece os seus princípios de mecânica, *à priori*, sobre a natureza e os atributos de Deus. (Descartes, *Principes*, Part. II, § 36, 39.—*Le Monde*, VII).

—*Kepler* (1571-1630) A ciência para ele consiste em «repensar os pensamentos do Criador» e em procurar na natureza a unidade destes pensamentos. «Felizes, exclama ele, aqueles a quem foi concedido elevarem-se para os céus!... O Senhor é grande! Céu, sol, lua, planetas, proclamai a sua glória, seja qual for a língua de que vos podeis servir para exprimir as vossas impressões! Proclamai a sua glória, harmonias celestes... E tu, alma minha, canta a glória do Eterno

durante toda a minha existência» (*E. Naville, la physique moderne*, pag. 156).

—*Newton* (1642-1727) A grande descoberta da atracção universal aumentou a sua crença num Deus único e soberanamente sábio. Reduziu a uma única lei as três leis astronómicas de Kepler fazendo assim dar à ciência um grande passo no caminho da unidade e da simplicidade. Dizia ele: «não é uma prova de que nos aproximamos de Deus à medida que chegamos a leis mais simples e gerais?»

Termina os seus *Principios matemáticos* exclamando: «Um Deus sem soberania, sem providência, e sem um fim nas suas obras, não poderia ser senão o destino ou a natureza. Ora nenhuma variação poderia provir duma necessidade metafísica cega, que é por toda a parte e sempre a mesma. Toda esta variedade de coisas creadas segundo os lugares e os tempos, que constitui a ordem e a vida do universo, não pode ser produzida senão pelo pensamento e a vontade de um ser, que seja o Ser por si mesmo e necessariamente.» (*Newton, Principes Mathematiques de la philosophie naturelle*).

—*Leibnitz* (1646-1716) Foi o maior dos matemáticos e dos filósofos alemães do século XVII. Referindo-se às leis da natureza, escrevia: «Estas leis, não dependem do princípio da necessidade, como as verdades lógicas, aritméticas ou geométricas, mas do princípio da conveniência, isto é, da escolha da sabedoria. E é uma das mais eficazes e mais sensíveis provas da existência de Deus para aqueles que podem profundar estes assuntos. (Leibnitz, *Principes de la nature*, ed. Erdmann, pag. 716).

—*Bossuet e Fenelon*. Deixaram-nos dois magníficos tratados da existência de Deus. Fenelon (1651-1715) desenvolve sobretudo as provas populares tiradas das maravilhas do mundo. Bossuet (1627-1704), no livro *Connaissance de Dieu et de soi-même*, retoma a mesma prova, mas com desenvolvimento científico mais profundo.

—*Diderot* (1713-1784). O seu complicado estado de espírito levou-o a escrever no seu livro «os Pensamentos sobre a interpretação da natureza, o seguinte: «Comecei pela natureza a que eles chamam obra tua e acabarei por ti cujo nome sobre a terra é Deus—;O Deus eu não sei se tu existes, mas pensarei como se tu visses na minha alma; procederei como se tu visses na minha alma; procederei como se estivesses diante de mim!...»

—*Voltaire* (1694-1778). Trocista, leviano, ímpio, escreveu contradizendo-se a si próprio: «¿Acaso não é o maior absurdo (o ateísmo), a mais revoltante loucura que jamais penetrou no espírito do homem? Céptico sou eu, mas essa demência parece-me evidente e assim o digo. (Do seu artigo sobre Deus).

Cita ainda:

«Enlela-me o universo! ¿Hel-de eu pensar, enfim, que sem relojoeiro ande um relógio assim?»

—*Rousseau*—Na sua *profissão de fé do Vigário de Saboya* e noutros escritos, apesar das suas teorias radicais em moral e política, defende convictamente os dogmas da religião natural, inclusivé a possibilidade do milagre.

—*Cabanis*.—Médico materialista. Numa carta ao seu amigo M. T. proclamou a necessidade duma «Sabedoria que concebeu os planos e duma Vontade que os pôs em execução; mas duma sabedoria soberanamente superior, duma Vontade eminentemente atenta a todos os pormenores, que exerce o mais extenso poder com a mais minuciosa precisão.»

A lista continuaria com os nomes de *Réamur*, *Buffon*, *Linneu*, *Jussieu*, *Euler*, *Lavoisier*, etc., etc.

Duma maneira geral, quasi todos os sábios ou grandes homens do século XVIII inclusivé os ferozes revolucionários da Convenção, proclamaram a existência do Sér Supremo.

SÁBIOS DO SÉCULO XIX

Neste século que se pode chamar o século da ciência, mais difícil se torna ainda dar uma lista completa dos nomes dos Intelectuais.

Entra os *Matemáticos* citaremos:

—*Cauchy*—O maior matemático da Europa era profundamente religioso como éle próprio declara na *Quaresma anti-clerical* (pág. 59 e 60).

—*Herschell*—foi o creador da astronomia estelar, a quem devemos a descoberta do planeta Urano e dos satélites de Saturno.

Escrevia: «Quanto mais se alarga o campo da ciência, tanto mais numerosas e irrecusáveis se tornam as provas da existência eterna duma inteligência creadora e omnipotente. Geólogos, matemáticos, astrónomos, naturalistas, todos acarrearão uma pedra para este grande templo da ciência, templo elevado ao próprio Deus.»

—*Le Verrier*. Apresentou na Academia as suas últimas «*Recherches astronomiques*» d'zendo: «que elas corroboram as verdades imperecíveis da filosofia espiritualista.

—*Faye*. Escrevia: «Como a nossa inteligência não se fez a si própria deve existir uma inteligência superior da qual a nossa deriva. Não corremos risco de nos enganar considerando-a como autor de tudo que existe, attribuindo-lhe estes esplendores dos céus que despertaram o nosso pensamento. Quanto a negar a Deus, é como se dessas alturas nos deixássemos cair pesadamente em terra.» (*Faye, Origine du Monde*, pag. 9).

—*Laplace*.—Interpreta a existência de Deus duma maneira diferente de Newton mas não a nega, como se conclue da sua *Exposition du système du monde*, fim).

Os maiores físicos deste século foram crentes também.

—*Ampère*.—A éle se deve: a telegrafia eléctrica e as leis do electro-magnetismo. Sainte-Beuve, diz, referindo-se-lhe: «Vimo-lo ahar e conciliar sem esforço, de maneira que causa maravilha e respeito, a fé e a ciência» (*Portraits littéraires*, 1).

—*Volta*.—Deve-se-lhe a pilha eléctrica que tem o seu nome. Tinha firmes convicções religiosas.

—*Oersted*.—Electrecista notável também. Referindo-se à harmonia das leis do nosso espírito com as leis da natureza, dizia: «Qual é, portanto, a razão desta harmonia? E', respondia éle, que essas leis têm, umas e outras, uma causa comum, uma razão primordial, que é também a potência primordial, numa palavra, que é Deus.»

—*Roberto Mayer*—foi um dos fundadores da teo-

ria mecânica do calor. Sentiu-se impressionado pelo pensamento de Oersted.

—*Fresnel*—(1788-1827). Para éle o principio da *simplicidade* prova-se pela unidade e simplicidade de Deus.

Aquêle principio foi um dos factores essenciaes das suas belas descobertas sobre a natureza da luz, que renovaram a física contemporânea.

Poderíamos continuar esta lista com: *Faraday*, *Liebig*, *Biot*, *Becquerel*, *Augusto de la Rive*, *Berzelius*, *Bertholet*, *Gay Lussac-Tenard*, etc., etc.

Finalmente de entre os sábios *naturalistas* citaremos:

—*Cuvier*.—Deve-se-lhe a criação da paleontologia e da anatomia comparada. Foi celebrando as maravilhas do *Creador* deante do seu auditório do *Collège de France*, em 8 de Maio de 1832, que éle teve o presentimento do seu próximo fim.

—*Agassiz*.—Este naturalista suíço termina assim a sua obra:

«A combinação de tantas concepções profundas não somente manifesta a inteligência, mas prova a premeditação, a sabedoria, a grandeza, a omnisciência, a providência. Todos estes factos e o seu encadeamento natural proclamam o único Deus que o homem pode conhecer, adorar, amar.» (*Agassiz, De l'espèce et de la classification en zoologie*, fim).

—*Latreille*—Fundador da entomologia. «Porque havíamos de temer, exclamava, louvar demasiado as obras do Sér Supremo?... São obras que não prestam o flanco a uma crítica razoável e onde só há que admirar.» (*Latreille, Cours d'entomologie*, pag. 26).

—*Milme Edwards*—concluiu: «Devemos maravilhar-nos de que em presença de factos tão significativos e numerosos, possa ainda haver homens que nos venham dizer que todas as maravilhas da natureza (viva) são meros efeitos do acaso ou consequências forçadas, das propriedades gerais da matéria, dessa matéria que forma a substância da madeira ou da pedra... Essas vãs hipóteses, ou antes essas aberrações do espírito, que às vezes se designam com o nome de ciência positiva, são repelidas pela verdadeira ciência.» (*Milme Edwards, Revue des ques.scientif.* Abril 1883, pag. 386).

—*Lamarck*—Dizia: «A natureza é um poder limitado, d'algum modo cego; esse poder não existe senão pela vontade duma potência superior e sem limite... Toda a nossa admiração e veneração devem referir-se ao seu subllime autor.» (*Lamarck, Histoire des animaux sans vertebres*, tomo 1, pag. 214, 311, 322, etc.; estas passagens foram depois suprimidas por um miserável editor das suas obras).

—*Wallace*—e o próprio *Darwin*, admitiam também uma causa primária, inteligente e directriz. Este último, na primeira edição das *Origens das espécies* esforça-se por tranquilizar as consciências religiosas, e só mais tarde é que sobre a hipótese darwinista procuram enxertar-se opiniões anti-filosóficas e irreligiosas. Escrevia: «Há certa grandeza em considerar a vida, com todas as suas propriedades, como dada primitivamente pelo creador a um pequeno número de formas ou mesmo a uma só forma, etc.» (*Darwin, Orig. des esp.—La vie et la correspond. de Ch. Darwin*, pelo seu filho. Trad por de Varignol, 1888).

—*G. Saint Hilaire*—1836. Publicou uma brochura intitulada: «Brilhante manifestação do espírito de Deus nos fenómenos do universo, onde chama ao

ateísmo a mais monstruosa das opiniões.»

—*Cruveilhier*—o maior anatomista do século XIX, escrevia: «Um livro de anatomia é o hino mais belo que ao homem foi dado cantar em honra do Creador! (Anatomie pathologique).

—*Wurtz*—decano da faculdade de medicina de Paris, proclamava que «as cousas não têm em si mesmas a sua razão de ser, o seu sustentáculo a sua origem; que se faz mister subordiná-las a uma causa primária, única, universal, Deus.» (*Wurtz, Rev. des quest. scientif.* Julho, 1885, pag. 127).

—*Chevreul*.—Fez a sua profissão de fé na Academia das Ciências, na sessão de 31 de Agosto de 1874.

E agora vamos terminar ainda com palavras de *Farges* (*A' ideia de Deus, segundo a razão e a ciência*, pag. 260): «A Ideia de Deus, portanto, permanece, como já alguém disse admiravelmente, sendo o patrimônio comum do género humano, e constitue o fundo inalienável dessa filosofia eterna—*perennis quaedam philosophia*, que não é outra coisa senão a razão humana. Repudiando-a não somente se recua para além das idades remotas, para além dos séculos do paganismo e da barbarie, mas rompe-se também abertamente com todas as tradições da humanidade.»

Um judeu que conhece bem a sua religião!!!

No exército francês os militares judeus têm dispensa especial nos dias solénes da sua religião.

Conta o *Univers Israelite* que para *Rosh Ha-Shanah* (Ano Novo) um capitão avisou os soldados israelitas que teriam dois dias de licença para assistir às práticas da sua religião. Apresentaram-se vários e um deles pediu mais licença porque precisava de ir a Paris reunir-se com a sua família.

Dizia êle—«Meu capitão, é preciso que façamos as práticas da nossa religião com a nossa família, porque comemos um pão especial».

Ouvindo isto os outros militares israelitas assustaram-se. Que poderiam responder se o capitão lhes pedisse explicações?

Felizmente o Comandante de Companhia, não manifestou nenhuma curiosidade, e contentou-se em dizer em tom paternal:

—«Há aqui uma sinagoga e uma comunidade. Como tendes dispensa podeis seguir todos os ritos da vossa religião».

Quando se encontraram sós na parada do quartel estes soldados perguntaram ao tal, que se chamava *Levy*:

—Que querias tu dizer com o tal pão especial?

Levy olhou para êles com um ar de

Dr. Cecil Roth

Foi com muita satisfação, que tivemos a noticia de que havia sido eleito por unanimidade para Presidente da *Jewish Historical Society of England* o nosso amigo, distinto historiador judeu, e sócio benemérito da Comunidade Israelita do Pôrto (*Kahal Kadosh Mekor Haïm*), o Snr. Dr. Cecil Roth.

O Dr. Cecil Roth nasceu em Londres em 1899, fez os seus estudos universitários em Oxford.

Serviu como soldado do exército britânico nas trincheiras da França e Belgica, durante a Grande Guerra.

Tem numerosos trabalhos históricos de valor, traduzidos em várias linguas, entre os quais se contam vários estudos de investigação histórica sobre maranos.

Ha-Lapid gostosamente apresenta a sua Excelencia os seus cumprimentos.

Dos 4 cantos da terra

Espanha—A famosa sinagoga histórica de Cordova, que tinha sido entregue ao culto Israelita em 1935 por ocasião do centenário de *Maimonides*, foi convertida pelos revolucionários em hospital militar.

Itália—Foi eleito para *Rabbi-mór* de Roma, sua Eminência o *Rabbi-mór* de Alexandria, Rev.º *David Prato*, descendente de judeus portugueses emigrados de Portugal no tempo da Inquisição.

Tcheco-Eslováquia—Uma mendiga cristã de *Zsilina*, *Catarina Brycha*, falecida há poucas semanas, deixou em testamento à Comunidade Israelita desta cidade a quantia de 59.000 corôas tchecas, porque os judeus foram mais generosos para ela do que os cristãos.

Visado pela Comissão de Censura

pedoso desprêso:

—Vocês então não sabem nada? Então não sabem que usamos o pão azimo?

Os outros soldados ficaram espantados com tanta sabedoria religiosa israelita.

Infelizmente há judeus assim sabedores.

Uma estatística judaica

O jornal judeu alemão «Central Verein Zeitung», no seu número 29—Berlim—16-Julho-1936, dá-nos a relação numérica de judeus existentes no mundo.

EUROPA		AFRICA	
Alemanha	400.000	Egipto	64.000
Lituania	77.500	Tripolitania	16.100
Estónia	4.500	Cirenaica	5.000
Letónia	97.000	Tunísia	65.000
Dantzig	10.000	Argélia	98.000
Memel	2.300	Marrocos (francês).	119.500
Dinamarca	7.100	Marrocos (español)	15.500
Suecia	7.200	Tanger	15.500
Noruega	1.400	Abissinia	80.000
Finlândia	1.750	Eritreia	200
Hungria	440.000	Kenia	100
Checo-eslováquia	380.000	Uganda	50
Bulgaria	49.000	Congo Belga	200
Grecia	98.000	Angola	150
Jugo Eslávia	70.000	Centro d'África	900
Austria	189.000	União Sul africana	80.000
Itália	52.000		<u>560.000</u>
França	230.000	AMÉRICA	
Espanha	8.200	Estados Unidos	4.500.000
Portugal	2.600	Canadá	160.000
Gibraltar	1.150	México	6.000
România	1.050.000	Salvador	750
Polónia	3.150.000	Honduras	250
Rússia (Europa)	2.710.000	Costa Rica	350
Turquia (Europa)	55.000	Panamá	850
Suiça	17.800	Cuba	8.200
Bélgica	63.000	Jamaica	1.300
Luxemburgo	2.500	Haiti	200
Holanda	115.000	Porto Rico	200
Grã-Bretanha	340.000	Guiana Holandesa	300
Irlanda	4.000	Argentina	275.000
	<u>9.736.000</u>	Brazil	50.000
ÁSIA		Chile	4.300
Palestina	395.000	Paraguai	1.100
Síria	25.000	Uruguai	17.500
Irak	90.000	Venezuela	1.000
Arabia	28.000	Perú	900
Rússia asiática	240.000	Colombia	500
Turquia asiática	31.000	Equador	100
Interior asiático	800	Bolívia	300
Persia-Iran	55.000	Guiana inglesa	1.900
Afghanistan	10.000		<u>5.031.000</u>
China e Japão	15.000	AUSTRALIA	
Mandchuria	22.000	Australia, Nova Zelândia, Fidji, etc.	28.000
India Britânica	24.200		
	<u>936.000</u>	Total geral	16.291.000

Nota da redacção: os números relativos a Portugal e Colónias estão errados para menos.

Os Judeus nas Ordenações Afonsinas

(Continuação do número 75)

4—Nem tolhemos outro si por esta Lei que não possam ir às Judiarias comprar, e vender frutas, leite, azeite, mel, manteiga, queijos, ou outras mercadorias, e panos, e ferramentas; com tanto que levem consigo algum homem Cristão grande, e não seja moço; e contanto que vão às ditas Judiarias desde que sair o sol até que se ponha, e não entrem em casas nenhuma, nem em tendas; e se vender, ou comprar, ou comprar quizerem, vendam ou comprem às portas das casas, e tendas: e as que o contrário disto fizerem, hajam a pena suso dita em esta Lei.

5—E se mulher Cristã entrar em casa de Judeu contra vontade do Judeu, e se provar, seja escusado da dita pena saindo esse judeu logo fora de casa, ou tenda, onde a dita cristã entrar, e a dita cristã pague a pena contida nesta Lei.

6—Outro se mandamos, que qualquer, que quizer acusar, ou demandar algum judeu, que fôr contra cada uma das coisas contidas em esta nossa lei, que querele, que jure, e nomeie testemunhas à dita querela, e dê fiadores bastantes em tanta quantia quanta é a pena contida em esta nossa Lei; para se não provar o que disser na dita querela, que as Justiças o condenem em outro tanto, quanto êle pedir contra aquêle, de que querela, ou mais pequena, se virem que se não moveu com malícia, ou engano a querelar, ou acusar, segundo que vier em elvidro dos julgadores.

7—A qual Lei vista por nós, porque nos pareceu em alguma parte ser em si contrária, acordamos de a limitar, e declarar em esta guisa; a saber, que mulher cristã possa entrar livremente nas tendas do panos dos judeus Mercadores, que geralmente estão abertas, com tanto que leve consigo, e tenha continuamente um homem cristão barbado, enquanto estiver na Judiaria, por que se possa razoavelmente tolher tôda a suspeição de mal, sem entrando em outra casa nenhuma, senão somente na tenda, em que estiver, em que se vender o ditos panos; e

isto possa fazer sem pena nenhuma, porque quando a mulher quere comprar alguns panos, não os pode assim desembargadamente devisar das côres da porta, como entrando dentro na loja, onde os panos estão. E com esta limitação, e declaração mandamos que se guarde a dita Lei, como em ela é contido, e por nós aqui limitado e declarado.

TITULO LXVIII

Que os judeus não arrendem Igrejas, nem Mosteiros, nem as rendas deles.

No livro da nossa Chancelaria foi achada uma Lei, que El-Rei meu Senhor, e Padrão de gloriosa memoria em sendo Infante fez, de o teor tal é.

1—Porque os Judeus dêstes reinos se metem a arrendar os dizimos, e ofertas das Igrejas, aos Prelados, Abades, e Priorres, Mestres e Comendadores, vindo às Igrejas, e recebendo aí estas ofertas, e estando em elas enquanto se rezam as Oras e celebra o Officio Divino, e servindo em alguns lugares, e amnistrando os Altares do que nasceu por vezes grande escandalo entre o Povo, e os Clerigos, e os Judeus, por ser coisa tão deshonestas, e que aos fieis cristãos tanto é de avorecer.

2—E outro se se metem a ser Védores, Mordomos, e Receberores, e Contadores, e haver outros officios em casa dos Infantes, e condes, e Prelados, e Mestres, e Abades, e Priorres, e Comendadores, e de outros Cavaleiros, e Escudeiros, e Senhores grandes e honrados por tal, que por estes officios sejam defesos e tenham azo para subjugar os cristão assí das coisas desses, com que vivem, com os moradores das terras, onde estes e senhores têm honras, e senhorios e poderios.

3—E porque se nunca destas coisas quizeram guardar, antes perseveraram sempre em elas; querendo nós a êlo prover de tal remédio, que sua conversação seja apartada dos cristãos, com conselho, e acôrdo dos Letrados da Nossa Côrte, estabelecemos, e pomos por lei, e mandamos, que daqui em deante não seja nenhum judeu tão ousado que arrende a Igreja, nem Mosteiro, nem Capela, nem outro lugar Sagrado, ou Eclesiástico, onde tenham de receber dizimas, ou ofer-

tas; e fazendo o contrário mandamos que pague por cada vez que o fizer cincoenta mil libras e sejam para aquêlê que o acusar, e além disto seja açoutado públicamente em tal guisa, que haja cem açoutes compridamente.

4 — A qual é vista por nós, louvamos por boa, e mandamos, que se guarde como esta é conteúdo.

História Sagrada Infantil

Por DAVID MORÊNO

(Continuação do n.º 75)



CAPITULO XXXIII

A Serpente de Bronze

Tendo o rei de Edom recusado aos Israelitas a passagem através o seu país, estes viram-se forçados a dar uma grande volta. Perderam, porém, a paciência e começaram a murmurar contra D us e contra Moisés. Para os castigar, Deus enviou-lhe serpentes venenosas que mataram um grande número.

Então o povo humilhou-se, foi ter com Moisés e disse-lhe: «Pecámos porque murmurámos contra o Eterno e contra ti; pede ao Eterno que afaste de nós estas serpentes».

Moisés, cuja bondade e paciência são ilimitadas, pediu a Deus a salvação para o seu povo. E Êle diz-lhe: — «Faz uma serpente de bronze e põe-na sôbre um poste. Quem fôr mordido e olhar para ela ficará curado». Moisés assim fez e todos que, sendo mordidos por uma serpente venenosa, pousavam o olhar sôbre a serpente de bronze ficavam curados.

CAPITULO XXXIV

Conquista dos reinos de Sihon e Og

Algum tempo depois os Israelitas enviaram mensageiros a Sihon, rei dos Emoritas, e mandaram-lhe dizer: «D ixa-nos passar pelo teu país. Nós não entra-

remos nem nos campos, nem nas vinhas, e não beberemos nunca água das tuas cisternas; permaneceremos na estrada grande até que tenhamos atravessado as fronteiras.

Mas Sihon recusou a passagem pelas suas terras; reuniu todo o seu povo e foi atacar Israel. Israel, porém, derrotou-o e conquistou o seu país desde o Arno até Yabhoq.

Como em seguida os Israelitas se dirigissem para Basan Og, rei dêste país, marchou contra êles acompanhado de todo o seu povo afim de o combater.

(Continúa)

Vida Comunal

Festividades—Decorreram com brilho e numerosa assistência as festividades liturgicas da lua de Setembro—Rosh Ha-shanah (Ano Novo de 5697), Yom Kipur (Dia de Perdão) e Sukoth (festa das cabanas).

O canto liturgico Kol Nidré (anulação de votos) foi entoado com sentimento e emoção pelo nosso correligionário letão Dr. Hanneson, médico distinto, que gentilmente atendeu o nosso convite, sendo muito felicitado. Em Kipur oficiaram o Rev.º Moreh Samuel Rodrigues, Snr Menasseh Ben-Dob e Snr. Dr. Hanneson.

A numerosa assistência era composta de judeus alemães, russos, polacos, lituanios e portugueses.

O Snr. Platchek, israelita alemão, ofereceu um pano de veludo, belamente bordado com emblemas e legendas hebraicas, para a estante da Thebáh. E' a primeira oferta que um israelita alemão refugiado no nosso país faz à nossa sinagoga.

Visitantes—Visitaram a nossa Sinagoga: Dr. Ismar Elbogen, Director do Seminário Israelita de Berlim, homem muito culto, de fino trato, e um historiador judaico notável.

Snr. Fritz Weil, alemão. Dr. Augusto Toledano Esaguy, de Lisboa.

Instituto Teológico Israelita—As aulas dêste seminário começam no domingo 25 de Outubro.